

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

BRUNA MEIRELLIS RODRIGUES DA SILVA

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS**

**JOÃO PESSOA
2018**

BRUNA MEIRELLIS RODRIGUES DA SILVA

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Educação, como parte das exigências do Curso de Graduação em Pedagogia, da Universidade Federal da Paraíba

Orientadora: Prof. Dr. Quezia Vila Flor Furtado

João Pessoa
2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586a Silva, Bruna Meirellis Rodrigues da.

Alfabetização e Letramento na Educação de Jovens e Adultos / Bruna Meirellis Rodrigues da Silva. – João Pessoa, 2018.

48 f. : il.

Orientação: Quézia Villa Flôr Furtado.

Monografia (Graduação) – UFPB/CE

1. Alfabetização e Letramento. 2. Educação de Jovens e Adultos. I. Furtado, Quézia Villa Flôr. II. Título.

UFPB/BC

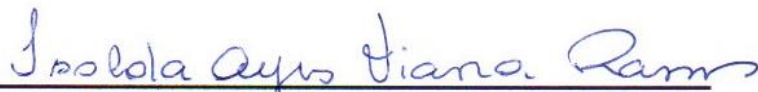
BRUNA MEIRELLIS RODRIGUES DA SILVA

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

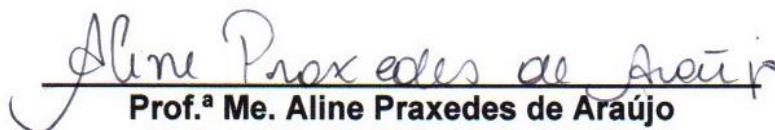
Aprovado em: 05/11/2018



Prof.^a Dr.^a Quézia Vila Flor Furtado
Universidade Federal da Paraíba
Orientadora



Prof.^a Esp. Isolda Ayres Viana Ramos
Universidade Federal da Paraíba
Examinadora



Prof.^a Me. Aline Praxedes de Araújo
Universidade Federal da Paraíba
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por abençoar o meu caminho, tanto na graduação quanto em toda minha vida. Por me conceder força nos momentos de angústia e desespero, que em muitos pensei em desistir.

A minha família, os quais me apoiaram e torceram por mim, que sempre me ajudaram nessa caminhada. Especialmente a minha mãe Gercilene e minha avó Izabel que juntas batalharam muito para me oferecer uma educação de qualidade, enfrentando as dificuldades ao meu lado por sempre acreditarem no meu potencial e assim me incentivando a continuar, e sempre se orgulharem por ter uma filha/neta no Ensino Superior. Agradeço pelo colo que sempre me foi ofertado quando o desespero batia e o choro vinha, por nunca me deixarem desistir quando tudo parecia difícil.

A minha madrinha Tânia por me acolher nesses anos de graduação em sua casa, seu apoio foi de extrema importância para que eu pudesse ficar em segurança ao chegar em Cajá tarde da noite ficando impossibilitada de ir para casa no sítio da minha família. E por ser uma pessoa exemplo na cidade que luta pela educação, me servindo de exemplo para nunca desistir, suas palavras de apoio foram de grande contribuição.

A todos aqueles que durante minha caminhada se mostraram dispostos a me ajudar, em transporte para aqueles dias de necessidade, seja para a universidade, estágios e para a realização dessa pesquisa, em abrir a porta de suas casas para que fosse possível a realização dos estágios supervisionados, a contribuição de vocês foram de extrema importância para a minha permanência na graduação.

Aos meus amigos que a UFPB me proporcionou conhecer, que muito contribuíram para minha permanência na universidade, seja me oferecendo um espaço em suas casas para os dias que não teve transporte, seja com conselhos, palavras de apoio, meu muito obrigada a vocês, Amanda Rodrigues, Guthierry Cassiano, Maraiane Pinto, Mariana de Souza, Mayara Jales, Paulo Ricardo, Rodrigo Santos; Rossana Farias, Walquiria Lima. Esse TCC também é de vocês, que compreenderam as vezes que precisei me afastar e ficar no meu mundinho particular. A minha amiga Kaline pela sua contribuição ao traduzir o resumo para o inglês, e também por nossas conversas durante o trajeto até a universidade.

À minha orientadora, a Professora Dr^a Quézia Furtado, por acreditar em mim, pela paciência, atenção e disponibilidade durante a pesquisa e construção deste trabalho. E também aqueles professores que de alguma forma contribuíram para minha formação.

RESUMO

Estamos inseridos em uma sociedade letrada e, portanto, estamos em constante contato com os códigos da língua escrita, partindo dessa perspectiva não se deve ignorar os saberes que cada aluno leva consigo para a sala de aula, eles não são folhas em branco onde os professores irão inserir neles as primeiras impressões dos códigos escritos, levam para as salas de aula uma bagagem de conhecimentos e experiências. Sendo assim, a pesquisa sobre Alfabetização e Letramento na Educação de Jovens e Adultos tem como objetivo principal identificar como se dá o processo de alfabetização na perspectiva do letramento nas salas de aula da EJA. Tendo como campo de pesquisa as escolas, Escola Municipal Maria da Penha de Paiva Silva e Escola Municipal Vereador Nelson Clemens Cordeiro Guedes, do município de Caldas Brandão-PB, em que os sujeitos da pesquisa foram três professoras da EJA. A metodologia utilizada foi qualitativa, bibliográfica e o instrumento aplicado foi uma entrevista semi-estruturada com perguntas abertas, acompanhado de observações e dos registros junto ao diário de bordo. Os referenciais teóricos utilizados na pesquisa foram: Albuquerque; Moraes; Ferreira (2013), Freire (1982/2006), Moll (2011), Schwartz (2012) e Soares (2004). A partir da análise dos dados foi percebido que ainda temos profissionais atuantes na EJA que não conhece o conceito de letramento, por isso não consegue alfabetizar na perspectiva do letramento, logo não promove a criticidade a partir da alfabetização, é preciso alfabetizar para a criticidade, para que estes educando sejam protagonistas de suas histórias, não podemos retroceder.

Palavras-chave: Alfabetização e Letramento. Educação de Jovens e Adultos. Analfabetismo.

ABSTRACT

We are inserted in a legitimate society, and therefore we are in constant contact with the codes of the written language, and by the way of the perspective, it is not to ignore the wisdom that every student is to be able to get to the classroom, they are not the most unnatural leaf where the teachers will insert them into the first impressions of the codes written, take to the classroom of knowledge and experiments. So, the research on alphabetization and lettings in the education of young and adults have as primary objective to identify how the Alphabetizing process is in the perspective of the lettings in EJA classrooms. Having as a field of research as schools, Municipal School Maria da Penha de Paiva Silva and Municipal School Vereador Nelson Clemens Cordeiro Guedes, from the county of Brandon - PB brownstone, in which the subject of research was three teachers from EJA. The methodology used was qualitative, biographic, and the applied instrument was a semi structured interview with open questions, accompanied by observations and records with the logbook. The theoretical references used in the research were: Albuquerque; Morais; Ferreira (2013), Freire (1982/2006), Moll (2011), Schwartz (2012) and Soares (2004). From the data analysis we've been realizing we still have the pros of the pros in EJA that doesn't know the concept of the letting, so it can't alphabetize the letro S perspective, so it's a bit of a criticism from the alphabetization, it takes Alphabetizing to criticize, so that these educated people are protagonists from their stories, we can't retract.

Key words: Alphabetizing and lettration. Education of young and adults. Illiteracy.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA	Educação de Jovens e Adultos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Inaf	Indicador de Alfabetismo Funcional
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	11
2.1. CONCEITO DE ALFABETIZAÇÃO.....	11
2.1.1. Os níveis de alfabetismo no Brasil - Inaf.....	13
2.2. ALFABETIZAÇÃO NUMA PERSPECTIVA POLÍTICA.....	14
2.3. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	16
3. CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA E PERCURSO METODOLÓGICO	19
3.1. CAMPO DE PESQUISA	19
3.2. SUJEITOS DA PESQUISA	22
3.3. PERCURSO METODOLÓGICO	23
4. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA VISÃO DAS PROFESSORAS DA EJA	25
4.1. O RECONHECIMENTO DOS SUJEITOS NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM.....	27
4.2. COMO SÃO APROVEITADOS OS CONHECIMENTOS PRÉVIOS DOS ALUNOS.....	32
4.3. O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM UMA PERSPECTIVA DE LETRAMENTO.....	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICE	46

1. INTRODUÇÃO

Os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos ao adentrarem no universo escolar em busca da alfabetização, em sua maioria tem um objetivo específico, tem um propósito maior por trás do aprendizado da leitura e da escrita, estes em seu cotidiano estão constantemente em contato com códigos da língua escrita. Adentram nas salas de aula em busca de entender e decifrar esses códigos, sejam para sua independência, carreira profissional, convívio social ou para superar a baixo auto estima a qual muitos se encontram por sentirem-se excluídos de alguma forma da sociedade letrada.

O processo de alfabetização destes jovens e adultos não devem se dissociar das questões sociais os quais estão inseridos, a escola é o ambiente propício para desenvolver nestes alunos uma consciência crítica a partir da leitura do mundo como também dos códigos escritos, atribuindo aos códigos sentido social, os quais vejam utilidade em seu cotidiano, que possam se empoderar a partir do domínio da língua escrita. Partindo desse raciocínio Moraes e Brito (2010, p. 1), diz que:

A aquisição da leitura e da escrita implica, portanto, uma questão de cidadania, ao tempo que se revela como uma forma de inclusão social, ao possibilitar-nos a capacidade criadora e o posicionamento crítico do mundo no qual estamos inseridos. Desse modo, o domínio da língua oral e escrita amplia nossos horizontes, proporcionando-nos, sobretudo o acesso à informação e à produção do conhecimento.

Neste sentido o processo de alfabetização vai além de codificar e decodificar os signos, vai em busca do uso social, e cada vez mais adentrando na perspectiva do letramento para que estes sujeitos saiam da escola realmente alfabetizados e críticos da sociedade em que estão inseridos, saiam cidadãos conscientes de seus direitos e deveres.

O interesse por estudar sobre a Alfabetização e o Letramento na Educação de Jovens e Adultos surgiu além das inquietações provocadas nas aulas do componente curricular Educação de Jovens e Adultos, ao proporcionar o contato com os sujeitos da EJA, como também dos debates sobre o letramento nas demais disciplinas, os quais levantaram questionamentos sobre o conceito de letramento e como este vem

sendo trabalhado nas salas de aula da EJA, sendo que nestes debates se mostravam as dúvidas de como alfabetizar numa perspectiva de letramento.

Para além do debate do processo de ensino-aprendizagem convém ainda conhecer o público atendido pela Educação de Jovens e Adultos, visto que o alvo são pessoas com idade mais avançada que não puderam por algum motivo serem alfabetizados quando mais novos e por isso voltaram a estudar mais tarde. Os quais em sua maioria são trabalhadores e estudam no turno da noite, levando para a sala de aula diversas experiências, sendo assim interessante que o professor possa partir da realidade deles, para o processo de alfabetização.

Tendo como ponto de partida o seguinte questionamento: Como se dá o processo de alfabetização e letramento na Educação de Jovens e Adultos? Este trabalho tem como objetivo geral: Identificar como se dá o processo de alfabetização na perspectiva do letramento nas salas de aula da EJA. E como objetivos específicos: Verificar como os sujeitos da EJA são reconhecidos no processo de ensino e de aprendizagem; Observar como os conhecimentos prévios dos alunos são considerados em sala de aula; Refletir sobre a importância do processo de alfabetização em uma perspectiva do letramento.

Buscando atender os objetivos propostos este trabalho está estruturado da seguinte forma: o primeiro capítulo, fala sobre a Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos, apresentando o conceito de alfabetização a partir de Schwartz (2012), retratando a história da alfabetização no Brasil, demonstrando através de dados da UNESCO, IBGE e Inaf os índices de alfabetismo e suas classificações; nas ideias de Freire (1982/2006) é apresentada a Alfabetização numa perspectiva política; e para delimitar sobre a alfabetização e letramento, foram utilizados, Albuquerque; Moraes; Ferreira (2013) e Moll (2011).

No segundo capítulo está caracterizado o campo de pesquisa, onde encontra-se uma breve apresentação sobre a cidade de Caldas Brandão, os sujeitos da pesquisa e o percurso metodológico.

No terceiro capítulo, encontra-se as reflexões feitas a partir das observações e entrevistas realizados durante a pesquisa, trazendo discussões teóricas buscando provocar questionamentos sobre a prática da alfabetização na perspectiva do letramento na Educação de Jovens e Adultos.

2. ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

2.1. CONCEITO DE ALFABETIZAÇÃO

O termo alfabetização por anos vem sofrendo algum tipo de modificação em seu significado ou na sua aplicabilidade, como os profissionais da EJA entendem e aplicam este conceito é o que vai ser analisado por esta pesquisa, e para isso é necessário entender quais são os conceitos apresentados para alfabetização ao longo desses anos.

Para entendermos melhor essa modificação ao longo dos anos podemos ler em Schwartz (2012, p.23), quando ela traz que,

Até 1940, eram consideradas alfabetizadas as pessoas que declaravam saber ler e escrever e que assinavam seu nome para comprová-lo. A partir de 1950 e até o último censo, realizado no ano de 2000, os instrumentos de avaliação foram alterados e passaram a considerar alfabetizados os que se declaravam serem capazes de ler e escrever um texto simples.

Ainda em Schwartz, vemos as variações do conceito e de interpretações de um sujeito alfabetizado, o que para alguns, ser alfabetizado significa dar conta da leitura de um pequeno texto, para outros é fundamental a inserção na cultura escrita e nos usos que dela se faz. Assim podemos perceber que alfabetização não vai ter um conceito imutável, mas de algo que vai se adequando as necessidades de cada época, em cada sociedade.

De acordo com Moreira (1993, apud SCHWARTZ, 2012, p. 24),

o conceito de alfabetização se refere à habilidade de ler e escrever. Ler é ser capaz de se descentrar de suas ideias e pensamentos para acompanhar, compreender, analisar, julgar o pensamento do outro, buscar o significado por trás as palavras, ler também as entrelinhas.

Mas isso não quer dizer que quem apenas sabe decodificar os códigos escritos não seja de certa forma alfabetizado, e assim, buscando uma forma de padronizar esses conceitos e evitar a exclusão desses sujeitos, “a Unesco utilizou o termo *alfabetismo funcional* definindo, dessa forma, a capacidade de utilizar a leitura e a

escrita para fazer frente às demandas do contexto social, empregando essas habilidades para modificar qualitativamente a vida e para continuar aprendendo” (SCHWARTZ, 2012, p. 26). E foi a partir da década de 90, seguindo as recomendações da Unesco, que o IBGE passou a divulgar também índices do alfabetismo funcional.

Utilizando os conceitos do Inaf¹ (Indicador de Alfabetismo Funcional) sobre os níveis de alfabetismo no Brasil foram identificados dois grupos: os Analfabetos Funcionais e os Funcionalmente Alfabetizados.

Nas pesquisas realizadas sobre o conceito de alfabetização foi possível perceber que não existe um consenso sobre o mesmo, porém é possível perceber que em sua maioria nos conduz a entender que, “o sujeito competentemente alfabetizado está habilitado a produzir, ler e compreender diferentes tipos de textos” (SCHWARTZ, 2012, p. 27).

Em Schwartz (2012) quando vem tratar do contexto da alfabetização no Brasil, ela nos traz o dado de que 72% da população apresenta algum tipo de analfabetismo funcional e embora a educação seja o fator que mais contribui para determinar o nível de alfabetismo de um indivíduo, ela não é o único, pois sujeitos com escolaridade semelhante apresentam níveis diferentes de alfabetismo. Segundo dados obtidos pelo Inaf (2018, p. 8),

Os Analfabetos Funcionais – equivalentes, em 2018, a cerca de 3 em cada 10 brasileiros – têm muita dificuldade para fazer uso da leitura e da escrita e das operações matemáticas em situações da vida cotidiana, como reconhecer informações em um cartaz ou folheto ou ainda fazer operações aritméticas simples com valores de grandezas superior às centenas.

Os índices apresentados pelo IBGE (2018) indicam que o Brasil ainda tem 11,5 milhões de analfabetos, esse número corresponde a 7,0% da população, esse dado aumenta quando fazemos o recorte para a Região Nordeste, a qual apresentou a

¹ O Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf) é uma pesquisa idealizada em parceria entre o Instituto Paulo Montenegro e a ONG Ação Educativa e realizado com o apoio do IBOPE Inteligência com o objetivo de mensurar o nível de alfabetismo da população brasileira entre 15 e 64 anos, avaliando suas habilidades e práticas de leitura, de escrita e de matemática aplicadas ao cotidiano. (INAF, 2018)

maior taxa de analfabetismo, chegando a 14,5% da população com 15 anos ou mais. (IBGE – PNAD Contínua)

Todos esses dados transportados para as condições gerais dessa população se expressam numa baixa qualidade de vida, pois ser analfabeto e/ou excluído da escolaridade básica gera uma série de privações concretas e simbólicas que se evidenciam desde as exigências do trabalho até as práticas cotidianas. (SCHWARTZ, 2012, p. 31)

A mudança sobre a alfabetização e o apoio as diferentes correntes teóricas não podem ficar apenas nos discursos acadêmicos e oficiais, enquanto isso se mantiver o que veremos na prática serão os índices elevados de não aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos, como vemos hoje.

A responsabilidade pelos resultados recai, por isso, muitas vezes, sobre o professor que continua reproduzindo ações, concepções e atitudes, sem demonstrar compreensão das evidentes mudanças necessárias para a prática pedagógica que as novas e crescentes demandas da linguagem escrita requerem. (SCHWARTZ, 2012, p. 37)

Ainda em Schwartz (2012) somos apresentados para a visão da psicogênese sobre a relação dos sujeitos com a escrita, e os equívocos cometidos por acharem que os sujeitos chegam sem saber nada sobre a escrita, ou que não tiveram contato com a mesma em toda sua vida:

A psicogênese mostrou que não é o que acontece, porque todos os sujeitos que vivem na cultura escrita pensam e constroem hipóteses sobre ela. Outra ideia equivocada era apresentar letras e sílabas até formar as palavras. Seguir essa ordem era considerado partir do fácil para o difícil. (SCHWARTZ, 2012, p. 44)

Partir da lógica que é preciso ensinar do mais fácil para o difícil é ignorar os saberes prévios desses alunos, e também o fato de que estamos tendo contato com códigos da cultura escrita a todo momento, em pequenas ações do cotidiano.

2.1.1. Os níveis de alfabetismo no Brasil - Inaf

A partir dos conceitos do Inaf foram identificados dois grupos sobre os níveis de alfabetismo: os Analfabetos Funcionais e os Funcionalmente Alfabetizados, dentro desses grupos são identificados subgrupos, a seguir os conceitos do Inaf (2018) e os índices de alfabetismo no Brasil:

Analfabetos Funcionais

Analfabeto - Corresponde à condição dos que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases. 8%

Rudimentar - Corresponde à capacidade de localizar uma informação explícita em textos curtos e familiares. 22%

Funcionalmente Alfabetizados

Elementar - As pessoas classificadas neste nível podem ser consideradas funcionalmente alfabetizadas, pois já leem e compreendem textos de média extensão, localizam informações mesmo que seja necessário realizar pequenas inferências. Mostram, no entanto, limitações quando as operações requeridas envolvem maior número de elementos, etapas ou relações. 34%

Intermediário – Localizam informações em diversos tipos de texto, resolvem problemas envolvendo percentagem ou proporções ou que requerem critérios de seleção de informações, elaboração e controle de etapas sucessivas para sua solução. As pessoas classificadas nesse nível interpretam e elaboram sínteses de textos diversos e reconhecem figuras de linguagem; no entanto, têm dificuldades para perceber e opinar sobre o posicionamento do autor de um texto. 25%

Proficientes - Classificadas neste nível estão as pessoas cujas habilidades não mais impõem restrições para compreender e interpretar textos em situações usuais: leem textos de maior complexidade, analisando e relacionando suas partes, comparam e avaliam informações e distinguem fato de opinião. 12% (INAF BRASIL, 2018)

2.2. ALFABETIZAÇÃO NUMA PERSPECTIVA POLÍTICA

A sala de aula é também um local de encontro de diversas identidades, conhecimentos e práticas, as diferenças são encontradas em cada sujeito que a

frequente, nas salas de Educação de Jovens e Adultos, essas diferenças são mais caracterizadas, tomando como ponto de partida o público atendido por essa modalidade de ensino, onde vamos encontrar adolescentes, jovens, adultos e idosos, essa diferença de faixa etária possibilita um encontro de saberes diferenciados, culturas e pensamentos. Portanto não é possível afirmar que alfabetizar é uma prática neutra, não há neutralidade quando se trata da prática educativa como um todo “do ponto de vista crítico, é tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político” (FREIRE, 1982, p. 26).

A prática educativa, reconhecendo-se como prática política, se recusa a deixar-se aprisionar na estreiteza burocrática de procedimentos escolarizantes. Lidando com o processo de conhecer, a prática educativa é tão interessada em possibilitar o ensino de conteúdos às pessoas quanto em sua conscientização. (FREIRE, 2011, p. 22)

O professor exerce um papel importante na formação da sociedade, podendo ser uma ferramenta do sistema para a reprodução da cultura dominante, onde as desigualdades são mantidas ou até mesmo reforçadas, ou optar por ser um problematizador, ter em sua prática uma educação emancipatória, crítica e política, que mostre aos educandos que eles podem e devem ser protagonistas de suas histórias, utilizando o que os alunos levam como experiências para promover uma educação libertária, que os mesmos se utilizem desses conhecimentos agora sistematizados em suas práticas diárias. Nessa perspectiva de mudança ou manutenção dos ideais sociais e culturais, no sentido da alfabetização Macedo (2006) vem dizer que,

A alfabetização torna-se um construto significativo a ponto de ser encarada como um conjunto de práticas que atuam quer para *empower*, quer para *disempower* as pessoas. No sentido mais amplo, a alfabetização é analisada conforme sirva ela para reproduzir as formações sociais existentes, ou como um conjunto de práticas culturais que promovam a mudança democrática e emancipadora. (MACEDO, 2006, p. 89 grifo do autor)

A alfabetização tendo como ponto principal apenas a codificação e decodificação tem uma intencionalidade por trás, essa prática mecanicista e bancária vê o analfabetismo como uma erva-daninha que deve ser exterminada, como indicio de incapacidade ou pouca inteligência e quer manter sujeitos fáceis de alienação. “No interior desse discurso dominante, o *analfabetismo* não é meramente a incapacidade

de ler e escrever; é também um indicador cultural para nomear formas de diferença dentro da lógica da teoria a privação cultural.” (GIROUX, 2006, p. 3 grifo do autor)

Freire (2006) diz que o analfabetismo é tido, em visão ingênua, como a manifestação da incapacidade de um povo, como um problema que se deve ser erradicado, ele fala ainda que essa visão ingênua é na verdade uma visão astuta, pois parte daqueles que sabem muito bem o que estão fazendo e o que querem, quando perpetuam essa ideia. Freire defende que é necessário alfabetizar para a criticidade, onde o aluno aplica o que aprendeu em seu cotidiano, que ele seja um cidadão consciente de seus atos. Ele então faz sua crítica para essa visão dita ingênua quando traz que:

Limitada na compreensão do problema, cuja complexidade não capta ou esconde, suas respostas a ele são de caráter mecanicista. A alfabetização, assim, se reduz ao ato mecânico de “depositar” palavras, sílabas e letras nos alfabetizandos. [...] para a concepção crítica da alfabetização, não será a partir da mera repetição mecânica de pa-pe-pi-po-pu, la-le-li-lo-lu, que permitem formar *pula, pelo, lá, li, pulo, lapa, lapela,, pílula* etc. que se desenvolverá nos alfabetizandos a consciência de seus direitos, como sua inserção crítica na realidade. (p. 15,18 grifo do autor)

Freire não cita diretamente o termo letramento em sua obra, mas aponta que é necessário alfabetizar esses jovens e adultos partindo de suas realidades, quando diz que “O aprendizado da leitura e da escrita não pode ser feito como algo paralelo ou quase paralelo à realidade concreta dos alfabetizandos.” (FREIRE, 2006, p. 18).

Ao alfabetizar partindo da realidade dos educandos o professor procura formar cidadãos críticos, politizados em suas práticas, que não se permitem ver seus direitos negados e fiquem no comodismo, aprendem que podem e devem lutar por seus direitos.

2.3. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Em muitas discussões sobre o que é alfabetização e o que é letramento percebemos a confusão que alguns fazem por não compreender o que cada palavra quer dizer, qual seu significado, e qual a diferença entre elas. “Entender a relação entre alfabetização e letramento é fundamental para que possamos construir práticas

construtivas e efetivas de ensino da leitura e da escrita em turmas da Educação de Jovens e Adultos.” (ALBUQUERQUE; MORAIS; FERREIRA, 2013 p. 14)

Assim como alfabetização, a palavra letramento tem sua variedade de interpretação, e conforme Soares (2004):

Letramento é palavra e conceito recentes, introduzidos na linguagem da educação e das ciências linguísticas há pouco mais de duas décadas. Seu surgimento pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização. (p.96)

Essa necessidade de uma nomenclatura para algo que fosse além do que se entendia como o processo de alfabetização, não ocorreu apenas no Brasil, como nos mostra Soares (2004):

[...] é em meados dos anos de 1980 que se dá, simultaneamente, a invenção do *letramento* no Brasil, do *illettrisme*, na França, da *literacia*, em Portugal, para nomear fenômenos distintos daquele denominado *alfabetização*, *alphabétisation*. Nos Estados Unidos e na Inglaterra, embora a palavra *literacy* já estivesse dicionarizada desde o final do século XIX, foi também nos anos de 1980 que o fenômeno que ela nomeia, distinto daquele que em língua inglesa se conhece como *reading instruction*, *beginning literacy* tornou-se foco de atenção e de discussão nas áreas da educação e da linguagem [...] (p. 6, grifo da autora)

A intencionalidade de trazer esses dados é de ilustrar que a discussão de letramento e alfabetização não é exclusividade do Brasil, mas algo que também é visto como necessário se debater em outras realidades sociais e culturais, mesmo que o ponto de partida para essas discussões seja diferente, e se molde a cada realidade.

Seguindo nessa perspectiva de alfabetizar partindo do cotidiano, Soares traz em sua obra sobre letramento e alfabetização que:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a *alfabetização* – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas

práticas sociais que envolvem a língua escrita – o *letramento*. (SOARES, 2004, p. 14, grifo da autora)

Estamos inseridos em uma sociedade letrada e, portanto, estamos em constante contato com os códigos da língua escrita, partindo dessa perspectiva não se deve ignorar os saberes que cada aluno leva consigo para a sala de aula, eles não são folhas em branco onde os professores irão inserir neles as primeiras impressões dos códigos escritos, levam para as salas de aula uma bagagem de conhecimentos e experiências.

Por isso Moll diz que esses adultos não são analfabetos e sim adultos em alfabetização, por estarem em constante contato com esses códigos:

Vivendo numa sociedade letrada, sobretudo nos espaços urbanos, caracterizada por um denso universo escrito e por possibilidades e necessidades de leituras variadas, pode-se dizer que analfabetos, no sentido do efeito discursivo e da acepção estrita dessa concepção, não existem. O que encontramos são sujeitos mergulhados em variadas situações de letramento, que, via de regra, não possuem escolaridade, mas que estão iniciados em processo de alfabetização. (MOLL, 2011, p. 9)

Com base nas diferentes concepções sobre alfabetização e letramento, é possível notar a necessidade de alfabetizar em uma perspectiva de letramento, trazendo os conhecimentos prévios desses jovens e adultos para que eles se sintam parte do processo de ensino aprendizagem, pois de fato eles são, e não podendo infantilizar esse processo.

3. CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA E PERCURSO METODOLÓGICO

3.1. CAMPO DE PESQUISA

Para a realização desta pesquisa foram observadas três salas de aulas da EJA, estas salas se encontram divididas em duas escolas do município de Caldas Brandão. Uma escola rural a qual a turma é mista e outra urbana onde foram observadas as salas do 1º segmento do Ensino Fundamental. A escolha das duas escolas se deu pela facilidade de acesso e ao mesmo tempo serem uma das poucas a ofertar a modalidade no município.

O município de Caldas Brandão, fica localizado na porção leste do Agreste Paraibano, Região Geográfica Imediata de João Pessoa, aproximadamente 70 km da capital. A população estimada para o ano de 2018, segundo dados do IBGE é de 5.982 habitantes (IBGE, 2018), a economia da cidade é essencialmente voltada para agricultura e pecuária, tendo o comércio uma participação significativa, por ter o seu povoado de Cajá conhecido como a Cidade das Tapiocas. O marco cultural da cidade é a tradicional Festa de Nossa Senhora das Dores, padroeira do município, comemorada no mês de fevereiro. A imagem inserida abaixo, se refere a localização da cidade de Caldas Brandão em relação ao estado da Paraíba:

Figura 1 – Localização da cidade de Caldas Brandão na Paraíba



Fonte: flickr

A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Maria da Penha de Paiva Silva está localizada no Sítio Riachão dos Coelhos s/n, zona rural da cidade de Caldas Brandão-PB, fundada em outubro de 1983.

O nome da escola foi dado em homenagem a professora Maria da Penha de Paiva Silva, após sua morte de forma trágica, tendo o seu nome empregado na escola como forma de gratidão a sua memória e por se tratar de uma figura importante na história da educação local, sua atuação já era efetiva em anos anteriores na rede municipal, sendo bem reconhecida por sua dedicação e esforço no aprendizado dos seus alunos. A imagem inserida abaixo, se refere a escola rural onde foi realizada a pesquisa de campo:

Figura 2 – Fachada da Escola Maria da Penha de Paiva Silva



Fonte: Arquivo pessoal

A escola funciona nos três turnos; atende a Educação Infantil com as turmas do Pré-Escolar e o Ensino Fundamental Anos Iniciais (1º ao 5º ano) nos períodos manhã e tarde, e a modalidade de Educação de Jovens e Adultos no turno da noite. A escola conta em sua gestão com a mesma diretora a seis anos, sendo formada em Pedagogia.

Em seu espaço físico a escola conta com três salas de aula, todas com quadro branco. A sala em que é atendida a modalidade de ensino pesquisada está com o quadro branco bastante desgastado, dificultando para os alunos compreenderem o

que se é escrito no mesmo. Conta ainda com (01) uma diretoria; (01) um almoxarifado; (02) dois banheiros no total sendo distribuídos em feminino e masculino; (01) uma cantina com depósito para merenda; (01) um depósito de material de limpeza.

A escola atende as pessoas residentes da própria comunidade rural, onde a comunidade é considerada como de baixa renda, com pouca instrução e vítima de vários problemas sociais, principalmente no que tange ao oferecimento de serviço e equipamentos de uso coletivo, pessoas que tiram seu sustento por meio da agricultura familiar.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Vereador Nelson Clemens Cordeiro Guedes está localizada na Rua Projetada s/n, no conjunto Boa Esperança, na Vila Nova, na cidade de Caldas Brandão-PB, fundada no ano de 2017, através do Decreto nº 011/2017, em 08 de março de 2017.

O nome da escola foi dado em homenagem ao ex-vereador da cidade Nelson Clemens Cordeiro Guedes, cuja mãe foi uma das professoras pioneiras da cidade e que também tem uma escola em sua homenagem. A imagem inserida abaixo, se refere a escola urbana onde foi realizada a pesquisa de campo:

Figura 3 – Fachada da Escola Nelson Clemens Cordeiro Guedes



Fonte: Arquivo pessoal

A escola recém-inaugurada funciona nos turnos manhã e noite, conta com o total de duzentos alunos matriculados, oferecendo o Ensino Fundamental Anos Iniciais (1º ao 5º ano) no turno da manhã com o total de 130 alunos matriculados e a modalidade de Educação de Jovens e Adultos no turno da noite com o total de 70 alunos matriculados. A mesma tem em sua gestão uma diretora formada em Pedagogia.

Na estrutura física foi possível observar que a escola dispõe de quatro salas de aula todas climatizadas e boa iluminação, com quadros divididos, sendo uma parte para escrita com giz e outra com marcador de quadro branco, mobiliário em sua maioria adquirida recentemente onde se apresentam em boas condições e comportam os alunos que frequentam as aulas desde as crianças dos anos iniciais do fundamental quanto os jovens e adultos que cursam a EJA; (01) uma sala para os professores; (01) uma diretoria; (01) secretaria; (06) seis banheiros no total sendo distribuídos em feminino, masculino e funcionários; (01) uma cantina com depósito para merenda; (01) um depósito de material de limpeza; (01) uma biblioteca; (01) uma laboratório de informática; (01) uma sala de coordenação pedagógica; e (01) um ginásio poliesportivo em construção ao lado.

A escola atende aos residentes da comunidade da Vila Nova, dos mais carentes até os mais estabilizados economicamente, sendo ainda uma população com as mesmas dificuldades encontradas na relatada anteriormente, pouca instrução, vítima de vários problemas sociais, principalmente no oferecimento de serviço e equipamentos de uso coletivo. Isso reflete na qualidade de ensino do município e a apatia da sociedade perante a busca de melhoria de vida. Ainda assim a escola representa para a comunidade um órgão de grande importância tendo em vista o seu valor no processo de formação da população escolar do município.

3.2. SUJEITOS DA PESQUISA

Buscando contemplar o principal objetivo deste trabalho que é, identificar como se dá o processo de alfabetização na perspectiva do letramento nas salas de aula da EJA, foram realizadas entrevistas com três professoras da Educação de Jovens e Adultos, do 1º segmento. As quais serão identificadas por nomes fictícios, sendo a

professora da escola rural como Isabel, a professora do Ciclo I Ana e a professora do Ciclo II Maria.

3.3. PERCURSO METODOLÓGICO

Buscando contemplar o principal objetivo deste trabalho que é, identificar como se dá o processo de alfabetização na perspectiva do letramento nas salas de aula da EJA, a metodologia utilizada foi de uma abordagem qualitativa descritiva de método indutivo, onde, a qual foi priorizado o estudo de caso como principal método.

Para isso, a primeira parte do desenvolvimento desta pesquisa foi destinada para levantamento de produções teóricas atualizadas sobre a temática, configurando essa parte assim como pesquisa bibliográfica, “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, construído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2008, p. 50).

A segunda etapa foi destinada a coleta de dados, a qual realizou-se nas escolas, por meio de observação na relação professor-aluno, na forma como os conhecimentos prévios destes são aproveitados em sala, registrando estas observações no diário de bordo,

A observação constitui elemento fundamental para a pesquisa. Desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa. É, todavia na fase de coleta de dados que o seu papel se torna mais evidente. (GIL, 2008, p. 100)

O período de observação foi compreendido entre os meses de agosto e setembro, dividindo-se entre as três salas de aula, ficando quatro visitas de observação e análise de como são aplicados os conceitos de alfabetização e letramento na prática, por fim mais uma visita para a realização das entrevistas com as professoras, as quais foram gravadas e posteriormente transcritas,

A entrevista é uma das técnicas de coletas de dados mais utilizada no âmbito das ciências sociais. Psicólogos, sociólogos, pedagogos, assistentes sociais e praticamente todos os outros profissionais que tratam de problemas humanos valem-se dessa técnica, não apenas para coleta de dados, mas

também com objetivos voltadas para diagnóstico e orientação. (GIL, 2008, p. 109)

A terceira etapa da pesquisa foi destinada a apresentação e discussões dos dados, visando compreender como se dá o processo de alfabetização em uma perspectiva de letramento, e se o mesmo vem sendo aplicado no local da pesquisa, a partir do obtido por meio das observações e respostas das entrevistas realizadas com as professoras.

As respostas foram analisadas e confrontadas com o que foi observado, buscando sempre um embasamento teórico, resultando assim no próximo capítulo.

4. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA VISÃO DAS PROFESSORAS DA EJA

Buscando responder aos objetivos deste trabalho, foram realizadas observações para além das salas de aula, contando que o processo de alfabetização e letramento se dá além do ambiente físico da sala de aula, como também nos arredores da escola, registrando estas observações no diário de bordo, para mais, também realizei entrevistas com as professoras visando compreender o que as mesmas têm a falar sobre sua prática e como estas estão atuando.

Durante a pesquisa foi possível observar como era o relacionamento das professoras para com os alunos e demais pessoas que compõem o ambiente escolar, e com isso era perceptível o ambiente amigável com o qual aquelas escolas eram compostas, todos tinham um convívio para fora dos muros das escolas, se relacionavam não só naquele ambiente e nos horários das aulas, mas também fora dela e em horários, situações diferentes, contudo não tirava a figura profissional da professora quando a aula era iniciada, a partir daquele momento o tratamento era realizado de forma que o professor por mais jovem que fosse era a figura a qual se deve respeito. O ambiente amigável da escola se dava desde a entrada com a saudação do porteiro, até o pessoal dos serviços gerais.

Para as observações foram divididos dias diferentes para cada sala, para que o processo se desse de maneira similar em cada uma, ficando quatro dias de observações em cada, porém na escola do campo estas observações ficaram comprometidas visto que em um dos dias não houve aula por falta de alunos. Ficando a professora e a auxiliar de serviço gerais esperando das 17:00h as 18:00h e mesmo assim não foram alunos nesse dia.

Como mencionado anteriormente as respostas obtidas para essa pesquisa é resultante de uma entrevista realizada com três professoras atuantes no primeiro segmento na Educação de Jovens e Adultos, tendo como objetivo discutir sobre o processo de alfabetização e letramento.

As três professoras têm certa experiência no trabalho com Jovens e Adultos, sendo que o menor tempo de trabalho é da professora Maria que atua na EJA a 2 anos e 7 meses, a professora Isabel atua a 3 anos e a professora Ana a mais tempo estando a frente da EJA a 5 anos, contudo a formação destas é o que mais chama a

atenção, pois as três ainda estão cursando Licenciatura em Pedagogia, sendo a professora Isabel a única a ter em seu currículo o antigo magistério.

Em uma das observações a fala de uma professora nos chama a atenção, a mesma relatou não gostar do curso que faz, e que apenas continua por exigência para se manter no emprego.

O discurso da professora é preocupante quando analisamos qual o profissional que está à frente das salas de aula da Educação de Jovens e Adultos, Freire (2011) vem dizer que, “O professor que não leve a sério sua formação, que não estuda, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe”.

A fala da professora nos deixa ainda mais preocupados por ter sido um pronunciamento em sala de aula na presença de seus alunos, os quais já estão na EJA por de alguma forma não tiveram a oportunidade de estudar anteriormente, ao escutarem uma professora falar dessa forma acaba por desmotivar ainda mais, para Freire (2011) “ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo” sendo assim, o professor precisa mostrar aos seus alunos o gosto pelo aprender, por conhecer e não ensinar algo vazio, deve mostrar aos seus educandos uma prática condizente com o que está se propondo ao estarem a frente de uma sala de aula da EJA.

O professor que realmente ensinar, quer dizer, que trabalha conteúdos no quadro da rigurosidade do pensar certo, nega, como falsa, a fórmula farisaica do “faça o que eu mando e não o que eu faço”. Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo. (FREIRE, 2011)

Quando essa professora se apropria desse discurso, ela acaba por demonstrar aos seus alunos que está em sala de aula por obrigação e não por acreditar realmente na educação, e sabendo que para esses alunos estarem frequentando essas salas de aula a uma luta constante para que as mesmas se mantenham abertas para que mais uma vez não haja a negação do direito a educação, a postura da educadora influencia em muito para a permanência destes sujeitos, se ao chegarem na escola se deparam com uma professora desmotivada, desacreditada com a educação, esses alunos não vão enxergar um futuro para si na educação, não vão acreditar que podem ir além da codificação e decodificação da língua escrita, além do primeiro segmento da EJA, ir para o Ensino Superior para eles será algo inimaginável.

Para tal se faz necessário que os profissionais atuantes na EJA possam ter um olhar e uma postura que motive os alunos para o aprender, que demonstrem ter responsabilidade com o que estão se propondo ao estarem a frente da Educação de Jovens e Adultos, bom senso ao analisarem seu discurso em sala de aula,

A responsabilidade do professor, de que às vezes não nos damos conta, é sempre grande. A natureza mesma de sua prática eminentemente formadora, sublinha a maneira como a realiza, sua presença na sala é de tal maneira exemplar que nenhum professor ou professora escapa ao juízo que dele ou dela fazem os alunos. E o pior talvez dos juízos é o que se expressa na "falta" de juízo. O pior juízo é o que se considera o professor uma ausência na sala. (FREIRE, 2011)

O exemplo demonstrado pelas professoras em sala é sempre avaliado por seus alunos, suas falas podem motivar ou desmotivar ainda mais aqueles que estão buscando pelo seu direito a educação.

4.1.O RECONHECIMENTO DOS SUJEITOS NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Para iniciar falando sobre como o sujeito da EJA é reconhecido dentro do processo de ensino e aprendizagem, buscou-se saber das professoras qual a importância da Educação de Jovens e Adultos para elas, pois sabendo como as mesmas enxergam esta modalidade de ensino vamos compreender melhor como o aluno vem a ser inserido neste processo.

Quando perguntada a professora Isabel apresentou dificuldade para responder, a mesma falou que é importante, mas não conseguiu demonstrar clareza em seu discurso, e como muitos acabou por atribuir um suposto fracasso ao aluno:

Eu acho que seria importante né assim... que é importante, mas porque assim... o pessoal num dá valor, aí fica tudo assim meio que... que vago, muita coisa fica a desejar, que a gente também sozinha não pode fazer muita coisa, aí fica muito a desejar.

Ao falar que o pessoal não dá valor a mesma dá a entender que está se referindo aos alunos como também ao sistema, pois mais à frente na entrevista ela

relatou a falta de formação para os professores da EJA por meio da secretaria de educação do município, em sua fala ela traz,

A gente só teve uma formação, e a gente achava que eles iam passar alguma... porque assim, a gente só usa coisa do livro, mas se eles passassem coisa pra gente, a gente tem que catar coisa pra levar pra sala de aula, porque tem hora... a gente diz que não, que não vai ninguém, mas tem que preparar alguma coisa, que a gente vai chegar lá e vai ficar sem, sem nada... e tem que ter né, que a gente tem que registrar, tem que fazer tudo.

E mais uma vez traz o papel do aluno como aquele que falta, mas quando analisado os motivos desse aluno faltar vemos inúmeras questões, como por exemplo, a escola por ser no âmbito rural se encontra afastada da casa dos alunos, não se é disponibilizado transporte, a escola conta com três porteiros, porém nenhum para o horário que a EJA funciona, nesta escola o alunado da EJA é em sua maioria mulheres e as mesmas relatam se sentirem inseguras na escola, como também no trajeto para a mesma, voltamos sempre para aquela situação, a sala da EJA está lá, é ofertada, mas como o poder público está trabalhando para manter essa sala aberta? Quais investimentos estão sendo realizados para atrair esse público para esta escola? Não basta apenas ofertar a sala, mas também proporcionar meios para que estes sujeitos possam se manter na escola, usufruindo o que é seu de direito, como estabelece a Lei de Diretrizes e Bases - LDB em seu Art. 37, § 2º que, “O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si”.

Sobre a sua fala “a gente só usa coisa do livro, [...] a gente tem que catar coisa pra levar pra sala de aula”, a professora demonstra a sua dificuldade em sair do livro didático e preparar atividades mais atrativas e que façam parte da realidade dos seus alunos, sobre isso Moll (2011, p. 14) fala que, “o professor tem um papel fundamental, tanto na seleção e na escolha dos materiais quanto nas aproximações pedagógicas que poderão ser construídas no contexto da sala de aula”, ou seja, o professor não deve depender de outros para levar para sala de aula atividades que aproximem a realidade do seu educando para a sistematização necessária no processo educacional, cabe a professora por essa conhecer de perto a realidade da sua turma.

A professora Ana quando questionada sobre a importância da EJA a mesma relata o prazer de trabalhar com esse público,

Essa pergunta é uma pergunta muito... eu num, porque a importância de jovens e adulto é uma coisa que não é só importante para, para nós professores, mas sim para eles, porque muitos já passa... vamos dizer assim, já passaram da idade de.. de... de uma sala de aula “normal” e eles vão com a esperança de aprender, tá entendendo? Então é muito importante, a educação de jovens e adulto, porque eles tem prazer de aprender e nós temos prazer de ensinar, né isso? E... que ess... que essa nunca venha fechar a educação de jovens e... essa porta de educação de jovens e adulto, em lugares nenhum, infelizmente nós iniciamos com uma turma grande mas terminamos com aqueles que realmente quer aprender algo, então é prazeroso em ver eles buscarem, é muito prazeroso.

Além do prazer em trabalhar com esse público a professora em sua resposta vem chamar a atenção para algo que infelizmente vem acontecendo na Educação de Jovens e Adultos, que é o fechamento de turmas, e esta escola corre o perigo de ser mais uma a integrar o índice de escolas que fecharam no município, como ela mesmo relatou que no início do ano a turma era numerosa e que ao passar dos dias vão se evadindo, ficando uma média de 05 alunos por noite.

O fechamento de turmas se dá não só pela evasão dos alunos, como também pela falta de compromisso das secretarias de educação para a manutenção e estímulo para que os alunos permaneçam nas escolas,

A inclusão da EJA na legislação configura-se como uma opção política que precisa ser legitimada pela prática pedagógica. Vale lembrar que a legislação prevê como forma de oferta da EJA os cursos e exames. Portanto, na base da organização e da orientação do trabalho pedagógico na EJA, está o desafio de desenvolver processos de formação humana, articulados a contextos sócio-históricos, a fim de que se reverta à exclusão e se garanta aos jovens e adultos, o acesso, a permanência e o sucesso no início ou no retorno desses sujeitos à escolarização básica como direito fundamental. (ALMEIDA; CORSO, 2015, p. 1297)

A professora Maria citou a educação como algo que vá melhorar a vida dos sujeitos da EJA:

A Educação de Jovens e Adultos é importante pois por meio dela os alunos que não tiveram como frequentar a escola no tempo certo tenham a oportunidade de concluir os estudos alcançando seus... seus objetivos e melhorando de vida.

A educação como algo que vá melhorar a vida do educando nos discursos apresentados é de que com a leitura e escrita esse vá alcançar um lugar no mercado de trabalho além da sua autonomia dentro de uma sociedade letrada.

Por mais que tenham sido citados nas respostas das professoras, não é perceptível o protagonismo dos educandos dentro do processo de ensino aprendizagem, sendo este sujeito, aquele que está ali para receber o conhecimento, onde a professora é a detentora do saber e por isso buscam depositar no aluno o que julgam necessário, como se fossem páginas em branco. Embora que por meio das observações foi possível perceber que as professoras não agem propositalmente quando utilizam de práticas bancárias para alfabetizar, mas sim que, utilizam por terem sido alfabetizadas assim, é o método que conhecem na prática e que funcionou para elas no momento que estavam dentro deste processo,

As metodologias utilizadas para alfabetizar, quando a maioria desses professores foi alfabetizada, tinham como base a epistemologia empirista que podia ser classificada, conforme os métodos, em sintética e analítica. [...] Hoje essas propostas estão descontextualizadas e ultrapassadas. Atualmente, os portadores de texto, isto é, as tipologias textuais são muito diversificadas e sua compreensão exige capacidade de pensamento com outros enfoques. (SCHWARTZ, 2012, p. 47)

Hoje as necessidades na educação são diferentes das quais existiam na época em que essas professoras foram alfabetizadas, porém o fato de ter funcionado com elas, algumas acabam por insistir em continuar a alfabetizar da mesma forma. A realidade encontrada na sociedade hoje é da necessidade de uma educação crítica, e tal criticidade deve ser trabalhada desde alfabetização.

É também papel das professoras promoverem essa criticidade no seu aluno, enquanto continuar com a prática de codificar e decodificar, depositar nos alunos os conteúdos das aulas, a sociedade permanecerá como massa de manobra, a Educação de Jovens e Adultos é palco de debate sobre direitos, onde os sujeitos são os maiores prejudicados quando trata-se de políticas educacionais, seja por terem esse direito negado lá atrás, seja por estarem em um processo educacional desigual, o qual pouco é investido, por isso,

É preciso fortalecer a EJA como sendo uma verdadeira modalidade de ensino, oriunda de uma política social, educacional e cultural maior, que visa colocar no centro da reflexão um conjunto de pessoas - de cidadãos específicos - onde todos têm um nome, um endereço, uma vontade política e o desejo de conhecer e praticar a sua verdadeira visão de mundo, num processo de enxergar a si próprio e a todos pelas lentes dos seus próprios olhos, e não pelas lentes dos outros, daqueles que oprimem e estão a serviço da dominação. (SANTOS; AMORIM, 2016, p. 125)

Conforme observações realizadas o perfil das turmas são de pessoas com discrepância de idades e pensamentos, na turma do Ciclo II encontramos um adolescente que iniciou o ano letivo na escola no período diurno, porém hoje encontra-se na EJA, e o discurso sobre esse aluno é que o mesmo dava muito trabalho para os professores da manhã, por isso decidiram colocar ele a noite. As falas vão desde os colegas até a professora, que não hesita em falar sobre o assunto na presença do aluno, chegando a falar,

Miguel não tem mais jeito de aprender a escrever não, vem pra escola só pra passear, nem a mãe dele aguenta mais;
Miguel de manhã não fazia nada, nem ficava na sala, aqui pelo menos ele escreve alguma coisa;
Os professores da manhã, nenhum aguentava Miguel;
Deixa de preguiça Miguel e responde a tua atividade, tá vendo aí Miguel aprende com Lúcia (após a aluna responder uma das questões).

Era perceptível que essas falas proferidas na frente do aluno o deixava constrangido, e afetava sua autoestima. Falas como essa não se devem ser proferidas por professores, deve-se sempre promover o aluno, fazendo com que esse tome gosto pelo aprender, como é o caso da professora Ana com seus alunos, sempre está elogiando algum avanço apresentado por seus alunos, como foi observado em uma das aulas onde a professora ao escrever o nome do mês de 'agosto', acabou esquecendo a letra 's', uma das alunas identificou que faltava uma letra e após um momento lendo identificou a falta da letra 's' comunicando a professora, a mesma reconheceu seu erro e parabenizou sua aluna por conseguir identificar o erro, mostrando que sua leitura está progredindo.

O mesmo ocorre na sala da professora Isabel, na aula sobre 'ordem alfabética' a professora fez uma atividade para que as alunas preenchessem as lacunas com as

letras que estavam faltando, conforme as alunas iam respondendo em voz alta a professora incentivava.

O profissional da EJA deve ter uma sensibilidade para reconhecer esses sujeitos, compreender as suas dificuldades e suas habilidades, conforme Moll (2011, p. 15),

Fazer-se professor de adultos implica postura para uma sensível escuta cotidiana como também para uma ampliação do olhar. Serem ouvidos e serem vistos pode colocar esses adultos, que carregam o estigma de analfabetos, em outro lugar nos espaços sociais nos quais transitam, pode (re)colocá-los na vida pública, predispondo-os de outra maneira no universo de saberes entre os quais transita a escrita.

A postura das professoras perante as dificuldades apresentadas pelos alunos vai definir como esse sujeito sente-se pertencente ou não no processo de alfabetização, se a cada erro o aluno for recriminado, exposto, comparado a autoestima dele tende a cair e a vontade de se manter na escola também.

4.2. COMO SÃO APROVEITADOS OS CONHECIMENTOS PRÉVIOS DOS ALUNOS

Além de corresponder a um dos objetivos, nas observações também foi alvo de dúvida a forma como os conhecimentos prévios dos alunos são aproveitados em sala de aula, as discussões realizadas no início das aulas poderiam servir de temas para a efetivação da formação crítica dos educandos, sendo que, sempre antes de iniciar as aulas os alunos juntamente com as professoras conversavam sobre os assuntos que estavam acontecendo naquele momento fora da escola, mas no meio em que estão inseridos.

Durante a aula do Ciclo II na qual o tema da atividade era “O Município” os alunos começaram a conversar sobre a questão da insegurança, a conversa foi motivada também pela fuga dos detentos da Penitenciária de Segurança Máxima Romeu Gonçalves Abrantes, o PB1, ocorrida no dia anterior, pois como a comunidade a qual a escola se encontra é cortada pela BR-230, surgiram rumores que um dos

fugitivos teria passado pela cidade. Com isso o debate sobre a segurança do município se deu no momento em que a professora escrevia um texto falando sobre como são formados os municípios, ficando assim como conversa de fundo enquanto os alunos transcreviam o que estava na lousa, sendo um assunto que poderia vir a acrescentar no debate da aula se bem aproveitado, ficou apenas como conversa paralela.

Para entender melhor a posição das professoras diante desses conhecimentos dos alunos, foi feita a seguinte pergunta: “Como aproveita os conhecimentos/experiências que os alunos trazem para a sala de aula?” As respostas foram diferentes entre as professoras, Isabel por exemplo, demonstrou nervosismo e não soube responder:

Como é que eu respondo essa pergunta aí agora? Ai meu Deus (risos)

Já na resposta de Ana, ela demonstrou entender que seus alunos levam suas experiências para a sala de aula, porém não foi possível identificar como ela utiliza nas aulas, além de exemplo para os demais:

É muito gratificante quando eles vem com a ex... quando eles vem com a experiência deles, é... usamos muitas das vezes como exemplo para os outros alunos né? Por exemplo, muitos chegam, chegam cansado, como... como eles falam enfadados do dia a dia porque na minha turma por exemplo, a idade é de, de 30, o mais novo tem 36... 33 anos e o mais velho tem 66, então eles já vêm de uma carga muito pesada do dia a dia, mas o que me impressiona mais é eles contarem a experiência e dizer que sente falta no dia que não tem aula, isso pra mim professora, educadora, orientadora é uma prazer imenso, saber que eles tão ali por prazer e não por obrigação, se fosse um jovem eu não dizia nada, ah estou aqui por causa que a minha mãe obriga, não eles vão por prazer e isso pra mim é muito gratificante.

Ana reforça sempre que sente prazer pelo que faz, e isso não fica apenas no discurso dela, foi possível perceber também em sua prática, como ela se realiza em sala de aula, a sua postura demonstra que ela está sempre buscando melhor atender as necessidades de seus alunos, levando atividades além do livro didático que foi distribuído para a EJA, porém nessa busca por trazer um material diferente para a sala de aula, para complementar nas atividades de alfabetização, a professora acabou

por levar um livro com propostas de atividades mais infantis, com textos que não conversam com a realidade dos adultos e idosos presente em sua sala.

A questão da infantilização nesse material não se dá apenas pelos textos, mas a forma que foram aplicadas as atividades, a literatura infantil pode-se ser trabalhada com os jovens e adultos, desde que haja uma conexão com o momento que estes estão vivenciando, segundo Moll (2011, p. 14),

Sem infantilizar o trabalho, é possível trazer para a sala de aula literatura infantil, clássica ou contemporânea. Retomar a prática de contação de histórias pela variante da leitura de histórias pode significar um belo convite nesse processo. Esse mergulho no universo literário, para muitos alunos, recupera tempos imemoriais e abre espaço para a imaginação em seus cotidianos.

Tomando o cuidado para não infantilizar o processo, é possível adaptar outros materiais para usar na Educação de Jovens e Adultos, o uso de jogos para auxiliar esse processo também é útil, o lúdico não deve se limitar unicamente para um público.

Um ponto que chama a atenção na resposta da professora Maria, é onde ela cita a leitura de mundo que antecede a leitura da palavra,

Eu tento aproveitar os conhecimentos prévios dos alunos em todo processo de aprendizagem, pois quando eles chegam a escola eles já possuem uma leitura de mundo e partir do momento que aproveito essas experiências facilita o processo de ensino aprendizagem deles.

A professora falou que busca aproveitar estes conhecimentos prévios, porém nas observações realizadas pouco foi notada este aproveitamento, como citado anteriormente o episódio da aula sobre o município, onde os alunos demonstraram interesse sobre o tema e queriam aprofundar levantando questionamentos sobre como está sendo tratada a relação da segurança dos moradores da comunidade pelo poder público. Até quando questionaram a professora durante a explicação da atividade sobre os municípios vizinhos, como a maneira que estes municípios eram administrados afetavam o lugar que eles viviam. Paulo Freire questiona os motivos dos professores por vezes não aproveitarem efetivamente esses saberes, e interesses dos alunos por alguns assuntos,

Porque não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Porque não estabelecer uma necessária "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Porque não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos. (FREIRE, 2011)

A postura da professora Maria perante o interesse dos alunos sobre o tema, deu a entender que para ela seria mais fácil seguir com o planejado em questão de atividade do que inserir o debate e assim modificar o seu plano.

Diante das respostas ofertadas pelas professoras pode-se perceber que mesmo aquelas que reconhecem que os alunos têm um conhecimento anterior a escola, pouco se é aproveitado no sistema formal de educação, por vezes isso ocorre pelo processo formativo das professoras que não lhes foi apresentada uma forma de como utilizar estes conhecimentos em suas aulas, como trazer para esse conhecimento popular o embasamento teórico necessário para ser superado.

4.3. O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM UMA PERSPECTIVA DE LETRAMENTO

Podemos considerar que esse tenha sido o ponto crítico desta pesquisa, além de ser o debate principal que motivou a pesquisa, comprovou que não se tem um consenso sobre o que é alfabetização e letramento, menos ainda de como alfabetizar letrando. Nas respostas das professoras é possível identificar que tal debate não se é realizado em todos os cursos de formação de professores, algumas delas demonstraram confusão na hora de falar sobre a relação alfabetização e letramento, dizendo até que um é mais importante que o outro.

Para entender melhor como se dá o processo de alfabetização nas salas observadas, em entrevista as professoras foram questionadas sobre o que elas

entendiam sobre alfabetização, e separada dessa questão também foram perguntadas sobre o que entendiam por letramento, as repostas se divergiram tanto sobre alfabetização, quanto sobre o letramento.

Para a professora Isabel, alfabetização “é uma coisa bem importante” e que “a gente tem que saber alfabetizar, levar alguma coisa para a sala de aula”, já sobre letramento a mesma falou que não sabia responder. A resposta da professora nos traz uma informação importante, a formação dos professores da educação básica demonstra fragilidade quando se trata de preparar profissionais para a alfabetização, e esse dado vem ser mais preocupante quando se trata da Educação de Jovens e Adultos, como está sendo preparados os profissionais que vão atuar com os sujeitos que em sua maioria tiveram uma experiência anterior de certa forma negativa com a escola, analisando por essa ótica a formação para esse educadores precisa abarcar os conceitos próprios da EJA como também das práticas pedagógicas para essa modalidade, iniciativa para pesquisar sobre novos conceitos que envolve sua prática educativa,

As condições necessárias à realização do trabalho pedagógico na EJA envolvem tanto o aprofundamento teórico e conceitual da modalidade e das áreas que cada docente atua quanto o compromisso com um trabalho docente diferenciado. Isso envolve a adoção de metodologias e posturas que deem conta de vencer as dificuldades de permanência, aprendizagem e relacionamentos, que abarquem uma condição educativa de direitos conquistados e que sejam capazes de reconfigurar a realidade da EJA na escola pública. (AMORIM; DUQUES, 2017, p.237)

A fala da professora Ana foi a que mais se aproximou dos conceitos sobre alfabetização como codificação e decodificação da língua escrita, e colocou o letramento como o processo de saber desenhar as letras, ou seja o aluno letrado para a professora é um aluno copista.

Alfabetização é uma conclusão que o aluno aprendeu, se ele sabe ler e escrever então ele está alfabetizado, no momento que ele só consegue escrever então sim, ele est... ele... ele está letrado, então pra mim não é interessante o aluno só... esta letrado... meu... pra mim o interessante é que o aluno esteja alfabetizado e letrado, viu? Porque no momento em que o aluno está alfabetizado... eu tenho um exemplo de uma aluna com 63 anos, 66, que ela chegou, ela disse, ‘professora eu nunca estive numa sala de aula, a primeira vez é agora’, e a minha aluna está lendo perfeitamente, isso pra mim é um... é um... é mais do que uma riqueza, entendeu? E então, o

alfabetizado, a alfabetização é essa, você tem que sair lendo e escrevendo, o letramento só é escrever, pra mim não é o mais interessante.

Em uma das aulas observadas da professora Ana, ela utilizou do ditado para trabalhar com a turma palavras com “Consoante+L”, para o ditado ela soletrava as palavras para os alunos escreverem, isso acaba por mecanizar a escrita dos alfabetizando indo contra a perspectiva da psicogênese ao apontar qual seria a maneira correta de escrever, não proporcionando que o aluno identifique por si o erro e faça a correção. A professora comete o equívoco ao tratar o processo de alfabetização como algo para a codificação e decodificação sem que haja uma reflexão sobre a escrita, o entendimento do que se está escrevendo, que o aluno consiga compreender o uso social daquele aprendizado, retomando mais uma vez a discussão, não que a professora faça isso de forma proposital pensando em prejudicar ou alienar o aluno, mas sim, a forma a qual ela foi alfabetizada,

O ensino da leitura e da escrita baseado em métodos sintéticos ou analíticos predominou em nosso país até meados da década de 1980. Ainda naquela época, as experiências de alfabetização de crianças e adultos se apoiavam, principalmente no uso de cartilhas de base silábica ou fônica, nas quais predominavam a leitura de textos artificiais e o trabalho com palavras-chave. Consideravam-se “alfabetizadas” aquelas pessoas que conseguissem ler (decodificar) e escrever (codificar), ao final do ano letivo da alfabetização, as palavras, frases e textos presentes em tais materiais. (ALBUQUERQUE; MORAIS; FERREIRA, 2013 p. 17)

Sobre a alfabetização como processo de codificação e decodificação, temos também a resposta da professora Maria, onde ela diz que a alfabetização,

É o processo de aquisição da leitura e da escrita, ou seja, é necessário... não, é nesse processo que os alunos codificam e decodificam o sistema alfabético.

Analisando as palavras das professoras Maria e Ana, podemos perceber como esse é o conceito mais popularizado sobre a alfabetização, em contrapartida a professora Maria tem relata que o letramento,

É quando os alunos utilizam nas suas práticas sociais as habilidades de leitura e escrita desenvolvidas no processo de alfabetização.

Nas observações foi possível ver como a professora Maria trabalha a questão da ortografia na aula sobre o uso do r e rr, a professora fez a correção da atividade de casa individualmente com cada aluno, a forma que a professora faz essa correção é indicando onde está o erro e já diz como é para fazer, sem promover o pensamento crítico do aluno como seria a escrita correta, sendo assim formando mais uma vez o aluno copista.

Para contrapor com as observações, na entrevista foi levantada a questão sobre qual a metodologia que cada professora utiliza em sala de aula, nesse ponto apenas a professora Isabel respondeu que tinha uma metodologia tradicional:

É (risos) é aquela história de, de como eu, eu faço na sala de aula né? (risos) é assim, aquele método assim né, eu acho que o método bem antigo, porque assim não tem muita renovação, porque a gente não tem, a gente não tem formação continuada, não tem.

A professora relata não ser fornecido pelo município uma formação continuada para os educadores da EJA, por mais que seja um direito do educador e também falta incentivo por falta do município para que esse profissional esteja sempre se atualizando, estudando sobre sua prática docente,

Como estabelece a legislação, a formação continuada é um direito do educador, mas, embora haja documentos legais que assegurem e privilegiem a instituição de políticas públicas no âmbito da formação docente, a fronteira entre o texto legal e a concreta operacionalização dessas leis ainda é grande. (AMORIM; DUQUES, 2017, p. 232)

Falta o incentivo do município por meio de verbas, carga horária para que esse educador possa buscar cursos, eventos, publiquem, pesquisem em sua área de atuação. Não podemos também isentar a professora da responsabilidade de tomar a iniciativa de buscar conhecer novas práticas de ensino, a professora tem a autonomia de buscar melhorar em sua prática docente.

Enquanto a professora Ana afirma que busca ser mais dinâmica em suas aulas, pela questão da idade dos seus alunos uma aula mais dinamizada vai fazer com que eles se interessem mais, que não passe a sensação de ser uma aula cansativa,

A minha metodologia é... é muito... muita dinâmica porque é, eles tem uma idade, vamos dizer assim, um pouco avançada né? E eles não tem paciência, então a gente tem que usar um pouco de, de, dinâmica e uso muito também interpretação textual porque... o objetivo é que eles venham saber ler, que eles venham sair alfabetizados, então meu método é esse, gosto muito de... de dinâmica porque eles vão aprendendo sem perceber acha que é uma brincadeira, mas ali eles estão aprendendo sem perceber.

Por mais que a professora afirme ter uma metodologia mais dinâmica, nas observações realizadas não foi constatado essa dinamização, ela utiliza muito a lousa, o lápis, o caderno e o livro, a mesma escrevia na lousa os alunos copiavam em seus cadernos e após faziam a leitura individual ou compartilhada, essa prática se deu em todos os dias de observação.

Em uma das observações, inclusive, a professora para trabalhar matemática escreveu na lousa contas de adição, subtração e multiplicação para os alunos como tarefa de casa, e como ela mesma falou “para exercitar e não esquecer” pediu ainda que escrevessem de 1 até 200, em seu caderno, alguns alunos falaram que provavelmente não teriam tempo para responder todas as questões para o dia seguinte, sobre o dever de casa Oliveira (2007, p. 89) diz,

Quanto ao dever de casa, acredito que o nobre objetivo da atividade é o de criar hábitos e disciplina de estudo em crianças que vão prosseguir na escola e que estão em processo geral de formação, além da facilitação da “fixação” do conteúdo trabalhado. Porém, me pergunto qual é a possibilidade real que tem um adulto, sem hábitos de lidar com atividades organizadas do modo como o são as escolares e que, na maior parte das vezes, trabalha o dia inteiro, de fazer sozinho o dever de casa.

A professora Maria apresenta diferentes estratégias para alfabetizar esses jovens e adultos,

Utilizo diversas estratégias metodológicas, tais como aula expositiva, leitura individual e coletiva, leitura deleite, exibição de vídeos e músicas, pesquisas, recorte e colagem, construção de cartazes, peça teatral, jogos e brincadeiras.

Destas estratégias ditas pela professora, as observadas foram as leituras individuais e coletivas, algo que as professoras Ana e Maria tem em comum, sempre trabalham a leitura e a escrita, não deixam de estimular a leitura dos seus alunos em nenhuma aula, estão a todo momento incentivando que façam as leituras.

Para compreender como essas professoras pensam a alfabetização, uma das perguntas da entrevista foi sobre como elas planejam suas aulas, as três não tiveram em suas respostas discrepâncias, onde o planejamento das mesmas se baseiam em sua maioria nos livros didáticos, a partir do que consta nos livros elaboram as atividades, sendo para elas um registro do que precisam fazer.

A ideia de planejamento como tarefa de preenchimento de formulários e fichas padronizadas a serem entregues aos coordenadores, diretores e outros profissionais responsáveis pela orientação do professor tem levado muitos professores a considerarem que planejar é algo nocivo, cansativo, burocrático, opressor. No entanto, no dia a dia, o planejamento é uma atividade frequente que antecede qualquer ato intencional. (LEAL, 2013, p. 93)

O planejamento é um passo importante para que a prática docente se dê de forma produtiva, sendo no planejamento que se pensa na intencionalidade do ato educativo, quais os objetivos a serem alcançados naquela aula, no processo de alfabetização também é o momento para se pensar criticamente, onde o educando busca sua autonomia por meio do conhecimento e apropriação do código da língua escrita.

Segundo as professoras os planejamentos se dão da seguinte forma:

Assim, eu uso os livros que tem na escola, (pausa) é eu me baseio nos livros. (Isabel)

Eu uso sempre livros didáticos, é... sempre pesquiso atividade na internet e nós temos um grupo no whatsapp que trocamos atividade, tem alguns links que tem várias atividade em relação a jovens e adulto e... é daí que eu... eu planejo minhas aulas. (Ana)

Eu planejo as minhas aulas semanalmente, no momento do planejamento levo em consideração o desenvolvimento dos meus alunos, as suas realidades e os conteúdos que eles precisam aprender. (Maria)

Nas observações ficou nítido o apego dos docentes com o livro didático, chegando a demonstrar certa mecanização nos atos, tanto das professoras quanto dos alunos, eles já estão acostumados com aquela mesma rotina, chegam na sala, sentam, abrem seus cadernos, a professora começa a escrever na lousa e eles copiam em seus cadernos, outro ponto que podemos perceber, foi o fato de que embora os alunos também tenham o livro, eles copiam os textos e as atividades em seus cadernos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da presente pesquisa possibilitou uma análise de como se dá o processo de alfabetização na perspectiva de letramento nas salas do primeiro segmento da Educação de Jovens e Adultos do município de Caldas Brandão, por meio de uma pesquisa de campo, como também, estudos na área.

Ao buscar ver como os sujeitos da EJA são reconhecidos no processo de ensino aprendizagem, foi possível perceber que ainda é preciso percorrer um longo caminho para que realmente estes sejam enxergados como protagonistas, parando de serem tratados por vezes como incapazes de aprender, ou até mesmo de prosseguir nos estudos, concluindo a etapa da educação básica. Nos discursos analisados foi possível notar que ainda são vistos como os culpados pelo aparente fracasso nos estudos, que estes são os que evadem por preguiça de estudar, que estão na EJA buscando acelerar, ou que não tiveram mais jeito nas demais turmas e por isso são colocados na EJA.

Outro ponto que acabou ficando apenas nos discursos das professoras, foi como os conhecimentos prévios dos alunos são considerados em sala de aula, por mais que reconheçam que estes sujeitos levam para sala de aula saberes/experiências que poderiam ser aproveitados, compartilhados e sistematizados, são simplesmente deixados de lado, sabemos que o senso comum só se supera a partir dele, e para isso as professoras necessitam trazer essas experiências para dentro da sala de aula, e não abordarem apenas na conversa do início da aula, sendo esquecido quando se pega no giz.

Ao refletir sobre a importância do processo de alfabetização em uma perspectiva de letramento, juntamente com as respostas dadas pelas professoras, o que foi percebido é que há uma necessidade de debater sobre o tema com os professores que se encontram nas salas de alfabetização, aqueles que estão na prática, para que não fique apenas no discurso de um ou outro profissional, pois foi algo que as professoras pesquisadas não souberam falar sobre tal importância, além de mostrarem confusão com os conceitos, não demonstraram essa perspectiva em suas práticas, chegando a afirmar que o letramento não é importante, sendo este

inferior a alfabetização, algo que não está correto, pois como vimos, por mais que sejam distintos, os dois deveriam ocorrer intrinsecamente.

Dada a importância do debate sobre alfabetização e letramento na Educação de Jovens e Adultos, o resultado desta pesquisa veio mostrar que ainda temos profissionais atuantes na EJA que não conhece o conceito de letramento e como se alfabetizar letrando para uma visão crítica de mundo, não conseguem compreender como utilizar a leitura de mundo que estes sujeitos levam para sala de aula, sendo esta leitura anterior a leitura da palavra.

Ao ter contato com os sujeitos da EJA, ter conhecimento das diferentes histórias de vida e ver de perto a força de vontade que eles têm para continuar estudando, motiva cada vez mais a pesquisar e lutar para que estes sujeitos não tenham seu direito a educação negado mais uma vez, fazendo-se necessário lutar sem cessar para que a Educação de Jovens e Adultos continue fazendo seus frutos.

Faz-se necessário defender o direito a educação, acolher estes sujeitos que buscam um direito que lhes foi negado em algum momento de sua vida, apresentar-lhes novas oportunidades. Alfabetizar para a criticidade, para que estes educando sejam protagonistas de suas histórias, não podemos retroceder.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; MORAIS, Artur Gomes de; FERREIRA, Andréa Tereza Brito. A relação entre alfabetização e letramento na Educação de Jovens e Adultos: questões conceituais e seus reflexos nas práticas de ensino e nos livros didáticos. In: LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; MORAIS, Artur Gomes de (Org.). **Alfabetizar letrando na EJA: fundamentos teóricos e propostas didáticas**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 13-30.

ALMEIDA, Adriana de; CORSO, Angela Maria. A Educação de Jovens e Adultos: aspectos históricos e sociais. In: XII EDUCERE, 2015, Curitiba. **Anais**. Curitiba: PUCPR, 2015. p. 1283 - 1299. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22753_10167.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2018.

AMORIM, Antonio; DUQUES, Maria Luiza Ferreira. Formação de educadores de EJA: caminhos inovadores da prática docente. **Educação**, [s.l.], v. 40, n. 2, p.228-239, 30 ago. 2017. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1981-2582.2017.2.22483>

BRASIL. LDB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei nº 9.394/96. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outras escritas**. 11ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011. Formato: ePub. ISBN 978-85-7753-226-1.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. Tradução de: Lólio Lourenço de Oliveira, 4. ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIROUX, Henry A. Alfabetização e a pedagogia do *empowerment* político. In: FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização**: Leitura do mundo, leitura da palavra. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. Introdução. p. 1-27.

IBGE – PNAD Contínua – Educação. **Analfabetismo cai em 2017, mas segue acima da meta para 2015**. 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21255-analfabetismo-cai-em-2017-mas-segue-acima-da-meta-para-2015>>. Acesso em: 03 set. 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE Cidades**: Caldas Brandão. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/caldas-brandao/panorama>> Acesso em: 08 out. 2018.

INAF BRASIL 2018. **Indicador de Alfabetismo Funcional**. Resultados preliminares. Disponível em: <<https://drive.google.com/open?id=1ez-6jrlrRRUm9JJ3MkwxEUffltjCTEI6>>. Acesso em 03 set. 2018.

LEAL, Telma Ferraz. Estabelecendo metas e organizando o trabalho: o planejamento no cotidiano docente. In: LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; MORAIS, Artur Gomes de (Org.). **Alfabetizar letrando na EJA**: fundamentos teóricos e propostas didáticas. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 93-112.

MACEDO, Donaldo. Alfabetização e pedagogia crítica. In: FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização**: Leitura do mundo, leitura da palavra. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. Cap. 4. p. 89-107.

MOLL, Jaqueline. Alfabetização de adultos: desafios à razão e ao encantamento. In: MOLL, Jaqueline (Org.). **Educação de jovens e adultos**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011. Cap. 1. p. 7-16.

MORAIS, Georgyana Andréa Silva; BRITO, Antonia Edna. **Prática Pedagógica Alfabetizadora**: questões de letramento. Disponível em <http://www.leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2009/GT.3_GT.4/5_Georgyanna%20Andr%C3%A9a%20Silva%20Morais%20e%20Antonia%20Edna%20Brito.pdf> Acesso em 13 ago. 2018.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Reflexos sobre a organização curricular e práticas pedagógicas na EJA. Educar em Revista [online] 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155013355007>> ISSN 0104- 4060. Acesso em: 05 set. 2018.

SANTOS, Andreia de Santana; AMORIM, Antonio. O currículo e a Educação de Jovens e Adultos: a perspectiva crítica em foco. **Revista de Educação Puc-campinas**, [s.l.], v. 21, n. 1, p.117-126, 4 maio 2016. Cadernos de Fe e Cultura, Oculum Ensaio, Reflexao, Revista de Ciencias Medicas e Revista de Educacao da PUC-Campinas. <http://dx.doi.org/10.24220/2318-0870v21n1a2787>.

SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de Jovens e Adultos: teoria e prática**. 2 ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2012.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, [s.l.], n. 25, p.5-17, abr. 2004. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782004000100002>.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento: Caminhos e Descaminhos. **Revista Pátio**. Ano VIII, n. 29, fev./abr. 2004.

APÊNDICE

Roteiro da entrevista com as professoras:

Idade:

Gênero:

Formação:

Quantos anos atua na Educação de Jovens e Adultos?

Como planeja as aulas?

Qual a metodologia utiliza?

Qual a importância da Educação de Jovens e Adultos?

Como aproveita os conhecimentos/experiências que os alunos trazem para a sala de aula?

O que entende por alfabetização?

O que entende por letramento?

Quais atividades desenvolve no processo de alfabetização e letramento dos estudantes da EJA?